

Márcia Regina Gonçalves Cardoso¹

DANIEL, J. **Educação e Tecnologia: num mundo globalizado**. Brasília: UNESCO, 2003. 216 p.

O livro “Educação e Tecnologia: num mundo globalizado” do inglês John Daniel, professor universitário, analisa várias temáticas vinculadas à área educacional, em especial a educação na era digital e a utilização da tecnologia na sociedade contemporânea. O livro é composto de dezesseis capítulos, sendo cada um deles referentes a discursos proferidos pelo autor entre os anos de 2001 e 2002, quando ocupava o cargo de Diretor Geral Adjunto da UNESCO. Esses discursos são pequenos textos de linguagem simples, ao mesmo tempo profundos e interessantes, pronunciados em eventos importantes, em diversas partes do mundo.

A obra tem uma organização diferenciada, com uma breve apresentação, seguida pelos discursos na forma de 16 capítulos e nota do autor. A coleção de textos traz reflexões importantes a respeito dos parcos avanços no campo da Educação para Todos entre os marcos de Jomtien e Dacar; o papel da UNESCO como coordenadora do Programa e as potencialidades e realizações que as novas tecnologias da educação e comunicação – TIC’s podem proporcionar.

Segundo Daniel, há ainda reflexões sobre a educação no novo mundo pós-moderno, a riqueza tecnológica da atualidade, sem esquecer a questão da barreira digital, conceito que se refere ao abismo que separa os que têm dos que não têm, dos incluídos dos excluídos digitalmente (2003, p. 10).

Com rica experiência na educação à distância, o John Daniel ocupou cargos importantes em várias instituições canadenses, norte-americanas e europeias de ensino superior, tendo sido reitor da *OpenUniversity*, no Reino Unido, instituição reconhecida internacionalmente no âmbito da aplicação das novas tecnologias de comunicação e informação.

Assim, John Daniel aborda sob diversos ângulos, as potencialidades e as realizações que as novas tecnologias da educação e da comunicação apresentam para o mundo atual. Embora não se restrinja somente ao ensino superior, o autor se concentra

1- Mestranda em Tecnologia, Comunicação e Educação da UFU, mgcardoso2010@bol.com.br

nele para apresentar as práticas de aplicação das novas tecnologias. E apresenta lições valiosas de sua experiência para aumentar o acesso, a qualidade e para reduzir os custos educacionais, com prudência (p.10). É isso que se propõe a mostrar e defender ao longo de seus discursos.

O autor principia o primeiro discurso do livro com a instigante pergunta sobre os motivos pelos quais se deve pesquisar a aprendizagem à distância, para em seguida responder que a primeira razão é a “evidência, que como acadêmicos devemos buscar e respeitar”. O segundo se refere às “expectativas criadas pelo desenvolvimento da aprendizagem à distância”. Por fim, apresenta a terceira razão pela qual a aprendizagem à distância deve ser pesquisada, sendo “o ambiente, que está mudando” (p. 15).

Logo, a evidência se refere ao dogma acadêmico de que o conhecimento é fundamental para vida universitária. A expectativa se refere ao otimismo de que a educação a distância pode mudar a educação. E a terceira razão é o ambiente atual em que se realiza que é mutável, provisório e dinâmico, exigindo respostas inteligentes daqueles que trabalham com educação.

Segue sua trajetória discursiva agora focada sobre o tema “Educação para Todos: o Papel da UNESCO” (p. 23). Faz um breve relato de como a ideia da Educação para Todos – EPT começou a ser considerada ao longo da história e, em especial, na agenda da UNESCO e de seus Estados- membros.

Conforme John Daniel, a primeira asserção de que a EPT deveria ser um objetivo internacional surgiu na Constituição da UNESCO, em 1945. “Em 1990 a comunidade das nações voltou a considerar o objetivo da EPT, realizando uma conferência em Jomtiem, na Tailândia, a qual estabeleceu várias metas. No entanto, dez anos depois, quando um novo Fórum sobre a Educação Para Todos se reuniu em Dacar, no Senegal, verificou-se que o progresso havido foi desapontador” (p. 25). Para corrigir essa omissão, reviram os objetivos do programa EPT, delinearam estratégias para alcançá-los e atribuíram a UNESCO a tarefa de coordenar a complexa parceria do programa EPT.

Não obstante, o autor demarca que a realização da EPT num país necessita de cinco etapas: motivação, planejamento, implementação e avaliação e chama atenção para o fato de que se o governo e o povo não assumem a educação como prioridade nacional, haverá pouco a ser feito pela comunidade internacional (p. 27). Nesse sentido, procura compreender as razões que possam explicar porque um assunto que ocupa

sempre um lugar importante na agenda dos dirigentes não passa de uma carta de intenções.

Em novo discurso, intitulado *A Educação em Um Novo Mundo Pós-Moderno*, John Daniel faz uma interessante explanação a respeito do modernismo e do pós-modernismo e sua relação com os ideais da UNESCO do ponto de vista dos direitos humanos, já que a Declaração Universal dos Direitos Humanos e as numerosas convenções e declarações internacionais dela derivadas é um dos textos fundamentais da UNESCO.

“Todos concordam que a educação é a chave para o desenvolvimento sustentável. Por que, então, a Educação para Todos ainda não é uma realidade em todo mundo?” (p. 44). Dessa forma o Daniel inicia seu discurso na cerimônia de inauguração da UNESCO para Educação e Treinamento – UNEVOC, em Bonn e inequivocamente provoca a plateia. Prossegue dizendo que mais de 100 milhões de crianças nunca vão à escola; que existem 800 milhões de adultos analfabetos e que esses analfabetos são principalmente mulheres. Afirma que no campo da educação, a tradição leva tempo para se desenvolver e mesmo nos países ricos e desenvolvidos o ideal da Educação para Todos é relativamente recente.

Daniel (2003) aponta que um marco importante no processo de fazer da educação para todos uma cultura global aconteceu depois da 2ª Guerra e a UNESCO, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura foi um deles. Se a UNESCO foi criada em 1946 e desde então 186 países são signatários e subscreveram sua constituição, por que ainda não temos em todo mundo a EPT? Ele próprio responde que um “país só atingirá a Educação para Todos se o seu governo e o seu povo tiverem isso como meta [...]. Se houver apenas uma bela recomendação de organizações internacionais, a educação continuará a ser uma prioridade secundária” (p. 46). Assim posto, a EPT tem que ser uma meta gestada dentro da própria nação.

Em mais uma importante cerimônia, o autor aborda os temas: tecnologia, educação, globalização, acesso, qualidade e custo, dentre outros. Lembra que “todos os cidadãos do mundo, estejam no lado rico ou no lado pobre do divisor digital, são afetados pelas mudanças tecnológicas. Em todas as partes do mundo a tecnologia em evolução é a principal força que está transformando a sociedade” (p. 54). E problematiza indagando que se a tecnologia em mutação afeta todos os aspectos da vida, por que não, o mundo da educação? Sua tecnologia é inadequada à educação? Será por

que os professores relutam em usá-la? Será por que ninguém encontrou ainda o meio de usá-la bem? (p. 54).

Com efeito, Daniel propõe questões importantes para o debate atual, que devem ser analisadas com cuidado, antes de cair na tentação dos modismos ou das respostas ingênuas. Uma tecnologia nova desprovida de intencionalidade e de todo aparato social e institucional não produzirá as mudanças que se espera.

Segue apresentando os problemas da educação. Velhos problemas assombrando a sociedade contemporânea. Analisa a questão de que milhões de crianças do mundo não têm acesso à educação, e muitas mais não permaneceram na escola o tempo suficiente para adquirir habilidades úteis para a vida. Lembra das centenas de milhões de adultos analfabetos espalhados pelo mundo.

Todos concordam que é preciso aumentar o acesso, melhorar a qualidade e reduzir o custo da educação. Mas a pergunta que se faz é se a tecnologia pode ajudar a melhorar todos esses índices ao tempo. Responde que a evidência mostra que sim. Sua prática e experiência no assunto revelam que as ferramentas tecnológicas são capazes de alterar esse quadro. Defende o autor que a tecnologia consegue alterar o “triângulo eterno com os três vetores: acesso, qualidade e custo”, através do que ele chama de “economia de escala além da qualidade de escala” (p.58).

Com efeito, Daniel apresenta de forma clara, precisa, num discurso didaticamente bem estruturado, a experiência das universidades abertas de ensino a distância como exemplo concreto onde o emprego da tecnologia ajudou a melhorar o acesso, a qualidade e o custo da educação. “A história das universidades abertas do mundo é o maior sucesso educacional da nossa geração”, afirma o autor. Juntas, as 12 maiores têm três milhões de estudantes. Só a universidade Aberta do Reino Unido tem mais alunos que o número total de alunos de todas as universidades britânicas. O custo total de um diploma na universidade aberta fica entre 60% e 80% do custo de um diploma de uma universidade tradicional. Quanto à qualidade, a Universidade Aberta do Reino Unido ficou entre os 10% das melhores universidades, conclui o autor (p. 61).

E para os que perguntam quem pode se beneficiar com a tecnologia na educação esclarece que a tecnologia obteve maior sucesso, até aqui, na educação superior. Segundo Daniel, os criadores das primeiras universidades abertas acreditavam que se pudessem estabelecer a credibilidade da tecnologia na educação superior, ela poderia difundir-se mais facilmente para outros níveis. Contudo, observa que o uso da

tecnologia da informação e da comunicação nas escolas está só começando, e temos um longo caminho a percorrer (p. 62). Interessante notar que dita pelo John Daniel em 2002, a frase poderia ser repetida hoje sem tirar nenhuma vírgula, visto que pouco se caminhou desde então.

Não obstante, é senso comum, que a tecnologia pode ajudar a melhorar o atual quadro da educação, especialmente dos países dito periféricos, aqueles que com os piores índices de acesso, qualidade e permanência, graves problemas de distorção série-idade e de analfabetismo, inclusive funcional.

Para o autor as tecnologias da informação e comunicação têm duas virtudes principais: apoiam as experiências de aprendizagem ativa e apoiam o acesso a uma ampla gama de meios e oportunidades de aprendizagem. Para tanto, propõe não uma revolução, mas uma evolução, ou seja, combinar os métodos tradicionais de ensino com a TIC. Não é preciso abandonar todo o arcabouço com que o professorado vem trabalhando, mas é preciso incorporar as novas tecnologias na prática pedagógica de forma dialética e significativa.

Propõe que para conseguir atingir as metas do Programa Educação Para Todos é preciso usar todas as ferramentas, e as TIC's são uma ferramenta importante para isso. E que a educação é não apenas mais um meio para atingir o desenvolvimento, mas também a chave e estratégia prioritária para superação da pobreza e o fortalecimento da democracia.

Livre de uma visão ingênua das potencialidades e limites da aplicação das tecnologias da informação e da comunicação, o livro é um importante subsídio para prática de profissionais da educação de modo geral, gestores, estudantes, pesquisadores da área e ao público em geral, interessado pelo assunto. O tema original, atual, numa linguagem simples e contextualizada, o que torna a leitura bem fácil.